

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 9

Março-Abril de 1934

N. 3 - 4

O C A F É

Sobre o futuro da cultura cafeeira no Estado de S Paulo, ou mesmo no Brasil, é difficilimo fazer previsões no momento atual. Muitos são os fatores que concorrem para se encarar a questão com otimismo, tambem de modo contrario.

Na primeira categoria somos forçados a incluir, pelo menos, dois elementos de valor indiscutivel : o aumento de consumo e o progredir de nossa agricultura.

O primeiro tem sido ultimamente de tal modo lento que não nos permite alicerçar sobre ele esperanças de vermos em breve tempo absorvida a nossa super-produção. E' preciso entretanto não esquecer que para isso concorrem motivos extraordinarios de desorganisação universal, que não podem perdurar indefinidamente ; esse impasse em que se encontra o mundo inteiro precisa ter soluçao breve para o bem de todas as partes, porque não se trata de interesses unilaterais. Uma vez voltado á normalidade o comercio internacional, é de se esperar que a marcha acendente do consumo de café se torne cada vez mais evidente, porque o café não é vicio nem bebida util á vida do homem, é mais do isso : ele é as duas coisas ao mesmo tempo.

O segundo fator que contribui para um otimismo fundado é o progredir incessante de nossos meios de cultura, é essa luta incomparavel em que o nosso fazendeiro se mostra incançavel.

Do lado oposto, como que para limitar qualquer otimismo, surgem tambem, pelo menos, duas nuvens : a broca do café e questão dos concorrentes.

Quanto á primeira é de se esperar que os nossos tecnicos encontrem um dia um meio pratico de combate.

Mas quanto á segunda ?

Por muito tempo vivemos na doce ilusão de que ninguem nos faria uma concorrência perigosa, e os tempos se incumbiram de nos mostrar que a Colombia se tornou rival temivel. De 1919 para 1932 a sua produção duplicou, a despeito de ter contra si varios fatores adversos, como a dificuldade dos transportes e a menor produção. De 1.600.000 sacas passou a produzir 3.453.000. E peor ainda : o café colombiano é todo vendido, encontra mercado facil e melhores preços.

E' verdade que ha concorrentes que têm estacionado e mesmo regredido, mas para substituil-os aparecem dois outros, novos, cheios de esperanças e, a nosso ver. perigosos: Kenia e Tanganyika.

Do ultimo trabalho publicado pelo Instituto Internacional de Roma, sobre o café (Le Café en 1931 et 1932) se conclue o que acabamos de dizer.

Quanto á Kenia, vemos sua exportação quadruplicar de 1922 para 1930; de 78.000 cwts. passa a 310.000. Tanganyika quasi que acompanha sua irman: de 85.000 cwts. pula para 231 000 nesse mesmo tempo.

Não devemos perder de vista que, tratando-se de colonias inglezas, esses dois jovens nucleos podem se transformar em breve, em dois grandes produtores de café.

Si é verdade que o clima não é tão propicio ao cafeeiro como entre nós, contam eles com otimas compensações. Favorecidos pelos direitos preferenciais de que gozam na metropole, levam ainda a vantagem, segundo o trabalho já citado, de poderem competir em qualidade, com os cafés da America Central.

A Inglaterra absorverá o produto mais fino e quanto ao de inferior qualidade "*a alta altifical provocada pela valorisação brasileira permitia ao comercio de Londres reexportar os tipos inferiores*". Assim termina esse capitulo o autor da monografia citada; só lhe adicionamos o grifo.